

## GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE: REFLEXÕES ACERCA DAS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS NA CONCEPÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

Victor Pereira de Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** A Geografia é uma ciência que tem estreita relação com o meio ambiente. Desde as correntes do pensamento geográfico até seus conceitos mais contemporâneos. Em um viés particularmente analisado pelo olhar da Geografia Humana, o meio ambiente, a preservação da biodiversidade, o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade podem ser vistas através do binômio sociedade – meio ambiente pelos olhos da Geografia Cultural, diante de práticas socioculturais que buscam a qualidade de vida do nosso planeta. A relação entre o Homem e o meio ambiente envolve técnicas que organizam e configuram o espaço geográfico, e como consequência, o meio ambiente. Dessa forma, através de pesquisas bibliográficas em um trabalho metodologicamente de gabinete, o presente trabalho encontra arcabouço em autores como Milton Santos, Roberto Lobato e José Vesentini reflexões acerca da contribuição da Geografia em prol do meio ambiente na égide da sustentabilidade.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural; Biodiversidade; Sustentabilidade; Sociedade.

**Abstract:** Geography is a science that has a close relationship with the environment. Since the chains of geographic thought to its most contemporary concepts. In a bias, particularly, analyzed by the Human Geography perspective, the environment, the preservation of biodiversity, sustainable development and sustainability can be seen through the binomial society - environment through the eyes of Cultural Geography, in face of socio - cultural practices that seek the quality of life of our planet. The relationship between man and the environment involves techniques that organize and shape the geographic space, and as a consequence, the environment. Thus, through bibliographical research in a methodological work of the cabinet, the present work finds frameworks in authors like Milton Santos, Roberto Lobato and José Vesentini reflections on the contribution of Geography in favor of the environment in the defense of sustainability.

**Keywords:** Cultural Geography; Biodiversity; Sustainability; Society.

### Introdução

A Geografia pode ser considerada uma ciência de síntese, pois, seu objeto de estudo é o espaço geográfico, e como se sabe, nele encontramos aspectos naturais, sociais, políticos, culturais, econômicos, dentre tantos outros. Assim, ao estudar o espaço geográfico, também cabe a Geografia analisar e estudar o meio ambiente, suas relações com o ser humano e sua importância no espaço geográfico.

Desde que foi institucionalizada, no século XIX, a Geografia preocupa-se com a relação entre o ser humano e o meio em que vive. Na verdade, somos capazes de compreender que tal preocupação existe na Geografia antes mesmo dela ser institucionalizada como ciência, uma vez que, o pensamento geográfico é inerente ao ser humano antes mesmo da existência dessa ciência.

Para um melhor entendimento, o pensamento geográfico pode ser entendido como a forma de pensamento das antigas civilizações em relação ao seu contato com o meio em que viviam, e consequentemente, com outros indivíduos a sua volta. Ao sair para caçar, o ser humano no pretérito buscava meios de superar seu intelectual, mesmo sem consciência disso, para manter sua sobrevivência.

Dessa forma, fomos capazes de inventar o fogo, domesticar animais, desenvolver técnicas agrícolas, desenvolver sistemas comerciais, e em tempos contemporâneos, desenvolvemos o maior ápice tecnológico na qual a humanidade já pode presenciar. Pensar geograficamente fez com que a humanidade se desenvolvesse e criasse técnicas de sobrevivência, ultrapassando barreiras e obstáculos.

É possível perceber, então, que o meio ambiente sempre esteve intrínseco à ciência geográfica, afinal, podemos dizer que a mesma surgiu da necessidade do ser humano

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Polo CEDERJ Natividade, Rua Vigário João Batista, 3, Centro - 28380-000 – Natividade – RJ, Brasil, victordesousa@outlook.com.br

compreender o meio em que vive, desde os fenômenos naturais até os sociais, nas mais diversas escalas, da local à global, e nos mais diversos instrumentos de análises.

Em tempos modernos, é possível perceber que tal desenvolvimento humano acabou por gerar não só positividade, como talvez propusesse a corrente filosófica do Positivismo de Augusto Comte, no início do século XIX. Com o desenvolvimento humano muitos pontos negativos foram elencados durante as últimas décadas, e sua eclosão principal ocorreu na década de 1970, com o advento das concepções ambientais em alerta sobre nosso patrimônio ambiental e nossa vida na Terra, em conferências e convenções espalhadas pelo mundo.

É preciso, então, que a preservação da biodiversidade seja colocada em cena, com o objetivo de proteger o meio ambiente e garantir a qualidade de vida das populações vigentes, assim como, das futuras. Para isso, é necessária a visão do conceito de sustentabilidade em comum acordo com o binômio sociedade – meio ambiente, não tratando o mesmo como um conceito exclusivamente natural, mas também social.

Assim, através da Geografia Cultural somos capazes de analisar e compreender as formas as quais a humanidade vem se relacionando com o espaço geográfico, e conseqüentemente, com o meio ambiente. Por se tratar de uma ciência de síntese, a Geografia se preocupa tanto com as sociedades quanto com o meio em que vivem, tornando possível a compreensão da sustentabilidade como um conceito socioambiental, utilizando como principal ferramenta, a as práticas socioculturais na égide da sustentabilidade.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral contextualizar acerca de reflexões que ressaltem a estreita relação entre a Geografia e o meio ambiente, utilizando dimensões didáticas para melhor compreensão do fato, pois, tais reflexões serão associadas a ciência geográfica, em sua concepção humanista e mais especificamente em seu subcampo cultural. Ainda serão elencadas, em objetivos específicos, questões acerca da necessidade de preservação da biodiversidade, caminhos palpáveis ao desenvolvimento sustentável em suas contribuições com a Geografia, e análises de práticas socioculturais no bojo da sociedade e que afetam direta, ou indiretamente, a vida do ser humano e suas condições de desenvolvimento, contribuindo ou não para a prática sustentável.

Assim, o trabalho segue inicialmente por uma contextualização sobre o nascimento da Geografia, suas correntes do pensamento geográfico, uma viagem acerca da história da ciência e de suas contribuições para o estudo do espaço geográfico, de suas concepções sociais e ambientais, nas diversas faces do espaço geográfico. Para isso, as fases da Geografia se tornam imprescindíveis nesta análise, correlacionando uma linha histórica entre os conceitos e temas abordados por essa ciência com abordagens à temática do meio ambiente em tais fases, conceitos e temas.

### **O meio ambiente como objeto de estudo da Geografia: uma abordagem histórica**

A Geografia como ciência apresenta em suas categorias de análise a função de relacionar seu objeto de estudo, o espaço geográfico, ao estudo do pensamento humano, ou seja, estudar um determinado objeto concreto por meio de conceitos construídos filosoficamente. Para compreendermos melhor, podemos relacionar questões referentes à técnica e ao trabalho. A técnica se constitui como um instrumento criado pelo ser humano em prol de seu desenvolvimento e sobrevivência diante dos obstáculos encontrados no meio em que vive, ou seja, as técnicas condizem com um objeto concreto que é exaustivamente analisado pela Geografia, desde os primórdios de sua institucionalização como ciência, no século XIX. Já o trabalho constitui-se de um objeto filosófico, pois, o trabalho em si é configurado, materializado, pelas técnicas. O trabalho é um conceito, um agrupamento de técnicas, já as técnicas, são o que colocam em prática o trabalho.

Dessa forma, como cada ciência possui uma base teórica específica que a singulariza e a constitui como ciência, para estudar os fenômenos que ocorrem em nosso planeta, e até

mesmo fora dele, a Geografia se solidifica nas bases teóricas incorporadas por suas correntes de pensamento, que deram impulso para sua institucionalização e ainda impulsionam seu desenvolvimento contemporâneo, modernizando e contribuindo para a (re)configuração constante da Geografia e de suas abordagens sobre o mundo.

Como disciplina universitária, a Geografia se institucionalizou na década de 1870, na Alemanha, e logo passou a ter cadeiras universitárias em outros países, como na França e na Inglaterra. No caso alemão, tal ciência se constituiu no bojo da unificação do Estado, após conflitos importantes, como a guerra franco-prussiana, e acabou por formalizar a consolidação do nacionalismo alemão. O principal expoente da Geografia alemã da época foi Friedrich Ratzel, cientista natural que baseava suas pesquisas na relação entre o Homem e a Natureza, desenvolvendo diversos estudos, em especial destaque, à Geografia Política.

Ratzel acabou por constituir estudos que, anos depois, foram caracterizados por sua essência determinista. É importante ressaltar que Ratzel não se caracterizava como determinista, mas sim, foi caracterizado dessa forma por outros autores ao interpretarem seus estudos. Logo, o Determinismo Ambiental levou a Geografia a elaborar diversos estudos relacionando a humanidade com o meio em que vive. Para o Determinismo Ambiental, o Homem seria condicionado pela natureza em proporção ao seu desenvolvimento, ou seja, basicamente, os obstáculos naturais impediriam o Homem, em determinado momento, de se desenvolver no espaço geográfico, uma relação de causa e efeito, sejam eles naturais ou sociais. O Determinismo Ambiental, por se tratar largamente de assuntos das ciências naturais, recebeu grande contribuição da teoria do Evolucionismo, criada por Charles Darwin.

Em contrapartida ao Determinismo Ambiental, na França, foi criado por Paul Vidal de La Blache, o Possibilismo Ambiental, que tem como objetivo principal, desmistificar as teorias trazidas pelo Determinismo. Para La Blache, a relação do ser humano com o meio em que vive não poderia ser condicionada por aspectos naturais, uma vez que, com o desenvolvimento de técnicas, ainda que rudimentares, os seres humanos teriam a capacidade de ultrapassar as barreiras naturais, desenvolvendo-se sobre o espaço geográfico.

La Blache também é criador do conceito de Região Natural, muito utilizado pela Geografia do século XIX, principalmente pela corrente de pensamento da Geografia Tradicional. A Região Natural visa à valorização da região enquanto seus elementos naturais, procurando descrever e entender o meio ambiente, e suas principais funcionalidades no espaço geográfico. O conceito de Região Natural acabou por trazer para a Geografia muitas análises e preocupações com o meio ambiente, mesmo anos depois, sendo reformuladas por outras correntes do pensamento geográfico, como a Teorético-Quantitativa, a Crítica e a Humanística, cada uma em relação ao ponto de vista de seus principais pensadores e intelectuais.

Existe ainda na Geografia, uma "divisão" clássica que permeia por essa ciência, e que acaba sendo alvo de críticas por diversos geógrafos, de toda parte do mundo. Assim, tal dicotomia traz os conceitos de Geografia Física, que se preocupa em analisar o espaço geográfico do ponto de vista ambiental, pressupondo suas pesquisas do meio em direção ao ser humano. Assim, a Geografia Física se dedica aos estudos geológicos, geomorfológicos, climatológicos, pedológicos, hidrológicos, dando destaque às bacias hidrográficas, fenômenos naturais, relevos, dentre outros; e o conceito de Geografia Humana, que também analisa a relação do Homem com o meio, todavia, parte do pressuposto do ser humano em direção ao meio, fazendo contraste com a Geografia Física. Na Geografia Humana prevalecem os estudos sobre as sociedades, seus modos de vida, suas práticas socioculturais, relações geopolíticas, questões econômicas, dentre muitos outros instrumentos de estudo.

As principais críticas em relação a esses dois conceitos se fundamentam, em primeiro lugar, na concepção de que, por ser uma única ciência, a Geografia não deve se separar de tal maneira, pois, isso acaba por dividir os geógrafos, e em consequência, os estudos que

pertencem a Geografia; em segundo lugar, existem geógrafos que defendem essa "divisão", justificando-se na dualidade geográfica, pois, por ter um objeto de estudo tão extenso e com tantas particularidades, seria muito difícil para a Geografia apresentar um caráter único e universal perante todos seus adeptos.

Os geógrafos procederam bastante por analogia, sobretudo em relação às ciências naturais. Aí aparecem duas fontes de erros grandes. Inicialmente não se pode transpor, e sobretudo de forma mecânica, o que se passa no mundo do físico ao que se passa na história. Em seguida, a analogia muitas vezes leva a examinar os objetos do exterior, o que só permite apreender seu aspecto ou sua forma, quando é o conteúdo que em verdade nos permite identificar, individualizar e definir (Santos 2002).

Mesmo diante dessa dualidade entre a Geografia Física e a Geografia Humana, é possível encontrarmos um conceito comum nessas duas vertentes, pois, as duas concordam que é possível afirmar que o ser humano é o organismo dentro da história natural do planeta com o maior poder de transformação do espaço geográfico. Apesar de o conceito de meio ambiente não ser um dos cinco conceitos-chave da Geografia, que são: espaço, território, região, paisagem e lugar; é possível encontrarmos o meio ambiente em todos os cinco conceitos, uma vez que, o meio ambiente está presente por todo o espaço geográfico. Os cinco conceitos nada mais são do que divisões didáticas que a Geografia encontrou para estudar de forma mais particular o espaço geográfico.

A Geografia compreende o ambiente no esforço de conjugar a natureza (o físico, o entorno, os objetos) com a sociedade ou também no sentido individual de analisar a singularidade do sujeito (Vesentini 2009). Todos os elementos que constituem o lugar, o espaço, onde o ser humano vive formam o meio ambiente: o solo, as habitações, o clima, as estradas, as avenidas, etc (Vesentini 2009).

Assim a preocupação com o meio ambiente está inserida na Geografia desde sua institucionalização, seja nas análises feitas pelo cientista natural Friedrich Ratzel, pelas abordagens do Possibilismo Ambiental da Geografia Francesa, ou ainda pelos diversos pontos de vista das correntes do pensamento geográfico. O meio ambiente está inserido à vida humana desde os primórdios de sua existência, logo, nada mais justo do que tal conceito também estar inserido na Geografia desde seu nascimento. Em análise mais específica da Geografia Humana, é possível compreendermos então que:

Por meio ambiente entendemos, segundo a visão da Geografia Humana, o conjunto de três aspectos interligados. Em primeiro lugar é o resultado material da ação humana, tratando-se da segunda natureza, da natureza transformada pelo trabalho social. A materialidade social assim criada constitui, de um lado, um reflexo dos conflitos sociais e, de outro, é o resultado do desenvolvimento das forças produtivas, que gera novas tecnologias, novos meios de produção de ambientes. Os campos agrícolas, caminhos e o habitat rural são exemplos típicos e clássicos dessas criações pelo homem. Também estão incluídas, entre outros exemplos, as encostas devastadas, as voçorocas e as áreas desertificadas, produtos sociais, produtos de uma ruptura de um dado equilíbrio ecológico pela ação transformadora do homem (Lobato 1993).

Os elementos geográficos sejam eles naturais, artificiais ou até mesmo híbridos, são fundamentados na complexa ciência geográfica contemporânea, constituindo partes de um todo, e este todo é representado pelo objeto de estudo em Geografia, ou seja, o espaço geográfico (Vesentini 2009).

Os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a

sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social (Santos 1985).

A Geografia, então, acaba por se inserir no debate relacionado à problemática ambiental e a sustentabilidade, em vias da preservação da biodiversidade. Para Reis (2006), desde fins dos anos 1980, a importância de preservar e promover a biodiversidade tem despertado a atenção de parcela crescente da sociedade, ultrapassando em larga monta o círculo de discussões e propostas de ações antes restritas a ecologistas e estudiosos do tema.

A biodiversidade se refere à diversidade e variedade de vida na terra. Essa variedade de formas de vida está relacionada à variabilidade de ecossistemas, de espécies, e de recursos genéticos. Isso significa que, para garantirmos a conservação da biodiversidade, precisamos proteger não só as diferentes espécies existentes no planeta, mas também os ecossistemas dos quais elas fazem parte, e a variabilidade de genes dentro de cada espécie (Lemos 2015).

Para Mikhailova (2004) o primeiro grande passo global no âmbito do desenvolvimento sustentável foi a realização da Conferência de Estocolmo em 1972, onde se percebeu uma necessidade de reaprender a conviver com o planeta. Porém, o desenvolvimento sustentável passou a ser a questão principal de política ambiental, somente, a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92).

Para Basha *et al.* (2010) o termo sustentabilidade remete ao vocábulo sustentar no qual a dimensão longo prazo se encontra incorporada. Há necessidade de encontrar mecanismos de interação nas sociedades humanas que ocorram em relação harmoniosa com a natureza. Numa sociedade sustentável, o progresso é medido pela qualidade de vida (saúde, longevidade, maturidade psicológica, educação, ambiente limpo, espírito comunitário e lazer criativo) ao invés de puro consumo material (Ferreira 2005).

### **Questões socioculturais na problemática ambiental no âmbito da sustentabilidade**

Ao falarmos em sustentabilidade é praticamente impossível não falarmos em biodiversidade, afinal, ela apresenta uma das questões chaves para a conservação ambiental. Tão importante quanto à preservação em si, é de extrema importância sabermos a qualidade do que estamos preservando, protegendo, pois, a diversidade é um elemento essencial para a viabilidade ecológica de qualquer ecossistema.

Quando pensamos em tal conceito, torna-se necessário também o entendimento sobre o significado de diversidade do ponto de vista ecológico, uma vez que, o mesmo não é sinônimo do conceito de riqueza de espécies. Para melhor compreensão, podemos considerar que a riqueza é o número de espécies que ocorrem em uma determinada área, em contrapartida, a diversidade pode ser entendida como, em linhas gerais, o número de espécies e sua representatividade nas comunidades de determinada área.

Digamos, por exemplo, que ao analisar as áreas X e Y da floresta amazônica encontramos cem árvores de espécies diferentes em cada uma dessas áreas. Na área X é possível encontrar dez árvores de cada espécie, e na área Y encontramos noventa e uma árvores da mesma espécie e as outras nove pertencem cada uma a uma espécie diferente. Nesse caso, ao compararmos as duas áreas, é possível concluirmos que ambas as áreas apresentam o mesmo grau de riqueza, pois, todas elas apresentam dez espécies de árvores diferentes. Todavia, na área Y existe uma dominância relevante de apenas uma espécie, o que faz dela menos diversa que a área X.

Continuando com esse exemplo da floresta amazônica, podemos compreender a importância da biodiversidade para a conservação ambiental em níveis sustentáveis, pois, supondo que ocorra uma proliferação de um patógeno nas duas áreas, X e Y, o ecossistema da área Y será gravemente afetado, uma vez que, a contaminação patogênica afetará uma

proporção muito maior nessa área por haver uma dominância relevante de uma única espécie. Na área X, por haver uma diversidade muito maior, terá mais resistência à investida do patógeno, levando em consideração suas comunidades bióticas.

Ainda em consideração a tal processo, podemos compreendê-lo em outra vertente. A estruturação e consolidação do território nacional foram baseadas em dois principais pilares: a escravidão e a monocultura. Ao analisarmos os principais ciclos econômicos brasileiros no passado, encontramos três atividades econômicas que foram fundamentais para o desenvolvimento do Brasil: a atividade canavieira, a atividade aurífera e a cafeicultura.

No estado do Rio de Janeiro, mais especificamente, as atividades canavieira e cafeeira repercutiram grandes instrumentos para a economia e o desenvolvimento do Brasil. A cana-de-açúcar mais especificamente na região Norte Fluminense e o café nas regiões do Noroeste Fluminense e Médio Vale do Paraíba. Sem a menor preocupação com a biodiversidade local, imensas extensões monocultoras de tais cultivos agrícolas foram espalhadas por essas regiões, exaurindo os solos e contribuindo de forma muito efetiva na destruição de diversos ecossistemas. E que hoje sabemos que houve perdas irreparáveis.

Ao analisarmos tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental, em uma perspectiva sustentável, a monocultura acabou por trazer muitos lucros para os latifundiários da época, todavia, o prejuízo ambiental tomou proporções incontestáveis. A cafeicultura, por exemplo, é uma atividade que exige muitos recursos do solo e ao ser cultivada em sistemas de monocultura acaba por desgastar de forma mais excessiva o mesmo, e para que o lucro não seja perdido, novas áreas sempre precisam ser desmatadas para a nova temporada de plantio.

O sistema de policultura além de ser sustentavelmente mais viável, acaba por trazer lucros mais viáveis a longo prazo para os proprietários, uma vez que, ao manterem a biodiversidade, o ecossistema acaba por se equilibrar, evitando colapsos causados por patógenos, exaustão do solo, mantendo a qualidade dos cultivos, enfim, de todo o ecossistema.

A discussão acerca da importância da manutenção da diversidade nos ecossistemas em função do papel que a mesma apresenta no conceito de conservação ambiental acaba sendo de extrema importância para a criação e gestão de mecanismos que sejam efetivos no processo da mesma, pois, como já mencionado, a biodiversidade é um dos conceitos chave para a prática sustentável.

Em consideração à prática monocultora, a ciência Agroecológica vem mostrando meios sustentáveis de produção agrícola sustentável, valorizando a diversidade, os agroecossistemas, sistemas agroflorestais, a policultura, a agricultura familiar, a soberania alimentar, e acima de tudo, a qualidade de vida do meio ambiente, como também, dos organismos que dependem do nosso planeta para sua sobrevivência.

A perda da biodiversidade, portanto, tem variadas causas e efeitos em diferentes partes do mundo. O fato é que a questão não pode ser ignorada e nem subestimada. É preciso pensar num conjunto de ações que evitem perdas da biodiversidade ou, pelo menos, minimizem os efeitos do desenvolvimento sobre as nossas espécies e ecossistemas (Lemos 2015).

Vale ressaltar que, a biodiversidade também tem impactos econômicos significativos. Odum (2012) destaca que na Costa Rica, lavouras de café próximas a áreas florestais tiveram maior produtividade que outras distantes de tais áreas, pois, os animais silvestres tinham maior eficiência na função de dispersores de sementes.

Todavia, não devemos pensar em sustentabilidade em um conceito individual, exclusivo para o meio ambiente, excluindo a sociedade de tal processo, pois, como afirma Reis (2006), o tratamento individual da diversidade cultural e da biodiversidade, tanto em acordos e debates teóricos quanto em programas práticos, mascara a verdadeira relação de interdependência existente entre ambas. Essa tendência é agravada pelo fato de o

desenvolvimento sustentável ser normalmente associado de modo exclusivo ao ambiente, desconsiderando-se a sinergia que sua preservação apresenta com a cultura.

### **A cultura como um elemento essencial na égide do meio ambiente: a Geografia Cultural**

É comum encontrarmos as palavras cultura e sociedade usadas em termos equivalentes, não propriamente como sinônimos, mas sim, transparecendo o mesmo significado e sentido. De fato, essas duas palavras compartilham de muitos sentidos e tem significados semelhantes, todavia, devemos entender a sociedade como um conjunto de indivíduos que são agrupados em situações comuns de existência. Esses agrupamentos podem ser exemplificados, evidentemente, por situações de existência comuns dentre os indivíduos, como a família, vizinhança, urbanidade e/ou ruralidade, trabalho, educação, dentre tantas outras condições de vida. Assim, cada indivíduo se comportará de acordo com a sua participação nessas categorias, ou seja, seu papel social. Portanto, a sociedade é um todo de indivíduos agrupados em categorias sociais.

Nessa perspectiva, a cultura envolve todo o conjunto que caracteriza um determinado agrupamento humano. A cultura, então, compreende o complexo que inclui os conhecimentos, as artes, leis, crenças, moral, costumes, enfim, tudo que o ser humano adquire e compartilha como um membro de sua comunidade, ou seja, sua relação em sociedade.

A cultura se tornou importante nas análises geográficas com o advento da Geografia Cultural, que pode ser entendida como um subcampo da Geografia. Esse subcampo começou a ganhar adeptos no início do século XX. A Escola de Berkeley, nos Estados Unidos, Universidade da Califórnia, reuniu estudos sistemáticos sobre os estudos abordados por seus adeptos, em relação à forma de abordar o espaço geográfico e as práticas socioculturais da humanidade. Esta escola teve seu apogeu nas décadas de 1920 e 1930, e teve como maior expoente e intelectual, o geógrafo Carl Sauer.

É possível considerarmos que a Geografia Cultural se dedica a estudar, em linhas gerais, a ação humana que transforma a natureza por meio de suas técnicas. Essa ação acompanha a humanidade desde a pré-história, e resulta na criação de técnicas agrícolas, pastagens, domesticação de animais, cultivos, habitações diversas, dentre outras. Mais tarde, com a evolução das técnicas, a humanidade foi capaz de criar estradas, sistemas de irrigação, templos, monumentos, grandes centros urbanos, destacando o imenso avanço tecnológico científico-informacional o qual acompanhamos nas últimas décadas.

Com a problemática ambiental na qual nos deparamos, mais assiduamente desde a década de 1970 com o alerta feito pelas diversas Conferências e Convenções em prol do meio ambiente, a Geografia Cultural torna-se uma ferramenta importante quando tratamos de sustentabilidade. As práticas socioculturais que envolvem toda a humanidade, e também o meio ambiente, estão relacionadas diretamente com esse subcampo da Geografia, se tornando também seu objeto de estudo.

É possível então, entendermos a sustentabilidade não apenas como um conceito ambiental isento da sociedade, uma vez que, as práticas sustentáveis devem surgir da própria sociedade, como um novo paradigma a ser seguido. Logo, a Geografia Cultural se habilita ao interagir com o binômio sociedade – meio ambiente, problematizando e contribuindo para a preservação da biodiversidade a caminho de um desenvolvimento que possa ser dito como sustentável.

Com o avanço do capitalismo em praticamente todo o globo, a cultura do consumismo acabou por ser intensamente globalizada, espalhando-se por todos os continentes e provocando um desgaste ainda maior do meio ambiente. O consumo desenfreado acaba por se responsabilizar por grande parte do desperdício de matérias-primas e de práticas que em nada se assemelham as consideradas sustentáveis.

Difícilmente encontraremos algum tipo de ligação entre o consumo excessivo de roupas e o alto índice de energia elétrica empregado nesse processo, por exemplo. As propagandas impulsionam a prática do consumismo e a busca pelo acúmulo de capital. Todavia, quanto mais roupas adquirimos, mais matérias-primas consumimos, mais energia elétrica gastamos para produzir tantas peças, e mais e mais roupas são compradas muitas vezes sem necessidade, por puro prazer e cada vez mais degradamos o meio ambiente. Prazer extremamente incentivado pela globalização.

É muito comum vermos em propagandas, slogans como "você merece isso", induzindo o consumidor a adquirir o produto, com a justificativa de que, para que ele se sinta completo, recompensado, feliz, ele "merece" comprar o produto. Consumir por necessidade caiu em banalidade. Raramente encontramos algum tipo de conscientização sobre o meio ambiente. Dessa forma torna-se inviável a análise do conceito de sustentabilidade sem analisarmos a ação das práticas socioculturais nesse processo, uma vez que, a sociedade é um dos elementos chave para atingirmos padrões sustentáveis.

Muitas empresas e indústrias atualmente vêm utilizando a sustentabilidade financeira, que pode ser entendida como uma forma de ilusão ao conceito de sustentabilidade, que tem como objetivo final a obtenção de lucro. Tais entidades utilizam slogans que demonstram preocupação com o meio ambiente, mas nem todas assumem de fato tal compromisso. O que nos atenta para a fragilidade da fiscalização nesse quesito.

O marketing acaba então induzindo consumidores a comprarem tais produtos com a intenção de contribuir com a prática sustentável, o que acaba gerando lucro para essas empresas e indústrias. Vale ressaltar que, mesmo as instituições que assumem o compromisso de contribuir com a sustentabilidade não a têm como primeira opção, na maioria das vezes, pois o marketing sustentável tem como objetivo principal a acumulação de capital e o sustento do capitalismo. Assim, a sustentabilidade financeira acaba por mascarar tais finalidades, as colocando como plano de fundo, tornando a sustentabilidade uma nova forma de atrair consumidores.

Após um hiato temporal, seguiram-se por outros caminhos os debates e questionamentos acerca da necessidade imperiosa de contemplar a diversidade cultural nas mesas de discussões e negociações internacionais (Reis 2006). Mais do que uma correspondência de intenções, porém, a diversidade cultural e a biodiversidade relacionam-se de modo sinérgico e interdependente, constituindo fatores fundamentais e complementares para a promoção do desenvolvimento sustentável (Reis 2006).

O risco associado ao empobrecimento da diversidade cultural impacta, portanto de modo direto na diversidade biológica. A questão é particularmente preocupante, tendo em vista os avassaladores resultados divulgados por mapeamentos recentes. Um estudo realizado pelo Worldwide Fund for Nature (WWF) atesta que há 6.500 grupos linguísticos em 200 ecorregiões do mundo, cujo risco de extinção cresce a um ritmo acelerado. No último século, o mundo perdeu 4 mil de suas 10 mil línguas e 50% das remanescentes estão ameaçadas, em especial modo nas Américas e na Austrália (Reis 2006).

É necessário olharmos para a diversidade cultural como uma aliada ao desenvolvimento sustentável. Os diversos modos de vida são instrumentos que podem contribuir de forma significativa para a criação de políticas públicas, planejamento, gestão e desenvolvimento de práticas sustentáveis, uma vez que, as mesmas influenciam diretamente na sociedade, através dos papéis sociais, dos gêneros de vida de cada indivíduo.

Um elemento essencial no processo de condução da diversidade cultural a níveis sustentáveis é o Estado, pois, é o agente principal da detenção do poder, podendo criar ferramentas que coloquem em prática tal processo. Daí a importância de termos governantes que se importem com o meio ambiente, assumindo o compromisso de uma melhor qualidade

de vida e de desenvolvimento para as populações vigentes, assim como, para as futuras. Outro elemento de extrema importância nesse processo é a Educação, através de temas transversais que utilizem práticas de ensino-aprendizagem que desperte nos alunos o desejo de preservação do nosso planeta, através de conteúdos interdisciplinares que impulsionam a dinamização do ensino e contribuem para a consolidação da cidadania. Não esquecendo também, da valorização de cada ciência em seu campo de estudo sobre o meio ambiente.

### **Novos caminhos para a Geografia Cultural na preservação ambiental**

A Geografia como ciência, pode contribuir efetivamente para a construção de um desenvolvimento que seja de fato sustentável, para a preservação da biodiversidade, para a solidificação de práticas que contribuam na materialização da sustentabilidade. Através da Geografia Humana, escolhida para ser o viés abordado aqui, nos auxilia na visão da sustentabilidade e do meio ambiente sem a exclusividade do olhar natural, mas também do olhar social, uma vez que, a sustentabilidade torna-se indissociável de práticas socioculturais, influenciando diretamente na cultura e na sociedade.

Contamos ainda com as contribuições da Geografia Cultural, que ao analisar as técnicas utilizadas pelo Homem para transformação da natureza é capaz de nos guiar para um caminho sustentável, problematizando questões corriqueiras em nosso cotidiano, mas que devem ser revistas, como a cultura do consumismo, altamente impulsionada pela globalização, e que afeta o meio ambiente em níveis mundiais. A Geografia Cultural também está inserida na questão da soberania alimentar, pois, em tempos modernos, tornaram-se muito comuns os maus hábitos de alimentação, e, além disso, o desperdício de alimentos. Para elucidação do fato em relação à Geografia Cultural, podemos pensar na dinamização da cultura estadunidense e seu processo de "American way of life", que se espalha por todo o globo, como um processo de homogeneização cultural, escravizada por fast-foods e extremamente longe da qualidade de vida e da soberania alimentar. É uma globalização cultural que acaba por gerar excedentes alimentares, principalmente em países ditos desenvolvidos, e excludentes alimentares, principalmente em países subdesenvolvidos. Ou seja, o excesso para uns e a fome para outros. Vale ressaltar, ainda, que tanto o excesso quanto a fome são extremamente prejudiciais à saúde, não somente para o ser humano, como também, ao meio ambiente.

O avanço trazido pelas chamadas geotecnologias contribuíram e contribuem positivamente no processo de sustentabilidade, na preocupação com o meio ambiente. A utilização de mapas confeccionados para a obtenção de informações sobre o desmatamento, por exemplo, são essenciais na obtenção de dados concretos sobre tal processo, auxiliando o combate e a mitigação dessa prática ilegal.

Especificamente, a Geografia e os geógrafos, buscam compreender a articulação da dinâmica ambiental, completando na íntegra o real sentido da concepção de ambiente. O uso de novas tecnologias pode contribuir, de um lado, para uma aprendizagem construída de forma mais integrada e, de outro, aprofundar, estruturar e organizar o conhecimento, favorecendo o avanço epistemológico, através da reflexão sobre o hibridismo na dimensão ambiental, da ciência da natureza e da ciência da sociedade (Vesentini 2009).

Os movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970 despertaram preocupações sobre as mudanças ambientais do planeta Terra. A partir das imagens de sensoriamento remoto adquiridas por satélites foi possível detectar e monitorar essas mudanças. Assim, o apoio social era e continua a ser forte, ainda que muito poucas pessoas estejam familiarizadas com o termo sensoriamento remoto (Negri 2016).

## Conclusão

O meio ambiente está inserido na Geografia desde sua unificação como ciência, até suas correntes do pensamento geográfico, ou em subcampos dessa ciência, como a Geografia Cultural. Assim, a cultura deve ser vista como uma produção do Homem em seu papel social ao relacionar-se com outro indivíduo em sociedade. Isso, certamente, não exclui o viés social da sustentabilidade, fazendo com que a Geografia Cultural se apoie em perspectivas que contribuam efetivamente para a consolidação da sustentabilidade em níveis mundiais, problematizando efeitos como os criados pelo consumismo, ou pelo "American way of life", que são projeções culturais globalizadas que afetam diretamente a sociedade e o meio ambiente.

É impossível não mencionar que as contribuições da Geografia para a preservação da qualidade de vida de nosso planeta é infinita, passando por diversos campos e subcampos dessa ciência, desde suas integrações com as tecnologias, como o Sensoriamento Remoto e o Geoprocessamento, até chegarmos ao campo da Geografia Escolar.

É certo de que a Geografia tem muito a contribuir para a problemática ambiental a qual nos encontramos. A visão da Geografia Cultural diante do binômio sociedade-meio ambiente é capaz de superar vertentes unilaterais de sustentabilidade, provocando conceitos especificamente utilizados para o acúmulo de capital, deixando em segundo plano o meio ambiente.

Práticas sustentáveis devem se transformar em situações cotidianas, não permanecendo ainda em conceitos teóricos que não condizem com a prática da sociedade e seu atual nível de desenvolvimento. O dia em que o ser humano for capaz de entender que a preocupação com o meio ambiente deve vir em primeiro lugar, o mundo será capaz de agir de outra forma, sendo mais solidário, mais irmão, mais palpável de amor ao próximo, dando o valor necessário para a vida.

Por mais que o conceito de vida seja finito, que tenhamos claras noções de início e fim, devemos entender que a qualidade dessa finitude deve sempre tender para o melhor, buscando índices igualitários, atendendo às condições básicas da qualidade de vida, da soberania alimentar. A finitude da vida não deve ser encarada como um obstáculo, mas sim, como um impulso para darmos valor ao que temos. E não estamos fazendo isso. Nosso planeta tem sofrido graves crises de desequilíbrios ecológicos devido a nossas ações irresponsáveis e egoístas, como se de fato quem precisasse de nós fosse o nosso planeta, e não o contrário.

É necessário compreendermos que a sustentabilidade vai muito além de um conceito ambiental, pois, a sustentabilidade também trata de direitos humanos, de cidadania, de desenvolvimento, de responsabilidade com nossas ações e como um caminho melhor para direcionarmos nossas práticas. Há anos a humanidade tem noção de suas ações desenfreadas em busca de desenvolvimento e altos índices indústrias e urbanos, em busca de um título de país de "Primeiro mundo". Ainda assim, continuamos agindo como se as consequências de nossas ações pudessem ser resolvidas com um estalo de dedos, mesmo com diversos relatórios alertando que muitas dessas consequências podem ser irreversíveis. Enquanto acharmos que para termos qualidade de vida precisaremos destruir nosso planeta, lutaremos em vão em busca de qualidade de vida.

## Referências Bibliográficas

- Basha M; Santos J; Shaum A (2010) Considerações teóricas sobre o conceito de Sustentabilidade. VII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. 1: 14. Disponível: [http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/31\\_cons%20teor%20bacha.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/31_cons%20teor%20bacha.pdf). Acessado em 09 de junho de 2017.
- Ferreira L (2005) Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. In: BRASIL. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p. 86.

- Lemos C (2015) Desenvolvimento sustentável e biodiversidade: conceitos e estratégias para o planejamento. In: Lemos C; Castro C (2005) Planejamento Ambiental. Consórcio CEDERJ. Rio de Janeiro: CECIERJ. p. 321.
- Lobato R (1993) Meio Ambiente e Metrópole. Geografia e Questão Ambiental. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. p. 25-30. Disponível: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/geografiaequestaoambiental.pdf>. Acessado em 2 de fevereiro de 2017.
- Mikhailova I (2004) Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. Revista Economia e Desenvolvimento. 2004. 16: 1-20. Disponível: <https://periodicos.ufsm.br/eed/article/viewFile/3442/1970>. Acessado em 09 de junho de 2017.
- Negri E (2016) Introdução ao Sensoriamento Remoto. In: Negri E (2016) Geografia e Sensoriamento Remoto. Consórcio CEDERJ. Rio de Janeiro: CECIERJ. p. 189.
- Odum E (2012) Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 434 p.
- Reis A (2006) Diversidade cultural e biodiversidade patrimônios interdependentes e pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável. II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT. Faculdade de Comunicação/UFBA. 1: 9 Disponível: [http://www.cult.ufba.br/enecul2006/ana\\_carla\\_fonseca\\_reis.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecul2006/ana_carla_fonseca_reis.pdf). Acessado em 30 de dezembro de 2016.
- Santos M (1985) Espaço & Método. São Paulo: Nobel. 120 p.
- Santos M (2002) Por uma geografia nova. 6. ed. São Paulo: Edusp. 288 p.
- Vesentini J (2009) (Meio) Ambiente: quebrando paradigmas na literatura e no ensino da geografia e da biologia – resultados preliminares. X Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG. 1: 19 Disponível: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(68\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(68).pdf). Acessado em 23 de janeiro de 2017.